



O Contemporâneo e o Festival Siriri Cururu¹

Muryllo LORENSONI²

Débora TAVARES³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

O Siriri e o Cururu, duas manifestações folclóricas típicas da região pantaneira que fazem parte da cultura popular de Mato Grosso, poderiam ter sido extintas se não fossem transmitidas por gerações através de versos, passos e as seqüências de uma mescla entre o sagrado e o profano, o efêmero e o eterno, encenados em uma curiosa manifestação cultural que se acredita ter origem indígena e está enraizada na cultura cuiabana. Cuiabá brinda desde 2002, anualmente, cururuzeiros e sua população, com o Festival Siriri e Cururu, colocando a tradição em centros de consumo e visibilidade, atraindo olhares da mídia e da massa. Seguindo uma perspectiva atual no campo da folkcomunicação, este estudo visa fazer um comparativo entre o novo caráter no festival e seus primórdios, com a intenção de apontar as alterações necessárias para a contemporaneidade. A escolha pelo festival Siriri e Cururu dá-se pela importância que estes dois elementos têm na região, deste modo, faz-se relevante este estudo devido à carência de registros e pesquisas sob este olhar.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação, Siriri Cururu, Contemporâneo

O Cururu Siriri

O ouro foi o grande atrativo para que os povos de diversas regiões do país e até de outros países migrassem no início do século XVIII para a antiga Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá – Cuyabá, nome emprestado do rio da região. Com o surgimento do ciclo do ouro esses pequenos vilarejos seriam elevados a cidades posteriormente, motivados pelo movimento exploratório dos bandeirantes, acompanhados pelos Jesuítas. Os índios, os mamelucos e os negros, serviram de mão de obra escrava para a produção agrícola de subsistência, a produção açucareira para a exportação e a exploração do ouro até seu quase esgotamento. Este mosaico cultural revela a hibridez da identidade cuiabana, o que enaltece a grande diversidade de expressões folclóricas nas roupagens, no linguajar puxado e no jeito característico de cantar e dançar o Cururu Siriri.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea, pesquisador do Grupo de pesquisa Estudos de Mídia e Cultura – EmiC e professor do departamento de comunicação social da Universidade Federal de Mato Grosso e Centro Universitário Cândido Rondon., email: mlorensoni@hotmail.com

³ Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCo e professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso – Brasil. Líder e pesquisadora do Grupo de pesquisa Estudos de Mídia e Cultura – EmiC., email: dedetavares@gmail.com



Acredita-se que o Cururu e o Siriri sejam tão antigos quanto Cuiabá. Ainda não se sabe ao certo suas origens culturais, porém, percebem-se fortes influências indígenas, negras e portuguesas. Cada região pantaneira desenvolveu com o passar dos anos características próprias de se brincar o Cururu Siriri, o que pode se identificar, de modo geral, são as transformações que esses sofreram ainda que sua estrutura básica continue a mesma.

“ O Cururu pode ser definido como um canto de repente que obedece certas regras de construção para atuarem dentro de um ritual de cunho religioso, forma assim uma história cantada que norteia determinada festa, sendo esta tradicionalmente em louvor a algum santo. Os cururueiros são geralmente do sexo masculino organizados em duplas, cada qual com seu instrumento, a viola-de-cocho⁴ ou o ganzá. Ambos cantam simultaneamente, um canta por baixo fazendo a primeira voz, em tom mais baixo. O companheiro canta por cima, ajudando, ou fazendo a segunda voz. As vezes esta é a mais importante que a primeira dependendo da zoadá – o som, o tom, o barulho da viola, do ganzá ou da voz do cantador – dos cantadores, ela se sobressai porque é mais alta.” (TAVARES, BRANCO, 2010 p. 4)

O termo utilizado brincadeira é utilizado para nomear o ato de fazer o Cururu, ou seja, brincar o Cururu é o mesmo que festar. Todos os movimentos e cantos têm significados regionais, os versos e as toadas são inspirados por diversos temas onde encontramos tais significações, sejam eles religiosos, amorosos, temas que exaltem a natureza e até mesmo o próprio Cururu.

Já o Siriri vem alegrar o ritual, muito parecido com brincadeiras indígenas e com ritmo e expressão hispano-lusitanas, antigamente o momento da roda de Siriri funcionava como intervalo de descanso para o Cururueiros, neste instante todos podem participar, homens, mulheres e crianças. Cantam e dançam em roda ou em fileiras formadas em pares, as mulheres rodam suas saias e todos batem palmas e os pés no chão. Acredita-se que o Siriri tenha sido criado pelas mulheres dos cantadores do Cururu, que na impossibilidade de participar das brincadeiras, criaram a tal dança para poder se divertir também.

O quintal das casas eram na maioria das vezes o espaço onde aconteciam os festejos, exerciam o papel de palcos e até mesmo de altares para uma manifestação da dualidade entre o sagrado e o profano, e neste cenário a tradição se perpetuava e assim era herdada de pai para filho.

“A festa é para o santo. Pode ser Santo Antônio, São Gonçalo, São João, São Pedro, Senhor Divino, Santo Benedito, qualquer

⁴ A viola-de-cocho é um instrumento musical singular quanto á forma e sonoridade produzido exclusivamente de forma artesanal (...). Seu nome deve-se a técnica de escavação da caixa de ressonância da viola em uma tora de madeira inteiriça, mesma técnica utilizada na fabricação de cochos (recipientes em que é depositado o alimento para o gado). Nesse cocho, já talhado no formato de viola são afixados um tampo e em seguida as partes que caracterizam o instrumento, como cavalete, espelho, rastilho e cravelhas. A produção de violas-de-cocho é realizada por mestres cururueiros, seja para uso próprio, seja para atender a demanda do mercado local, também constituída por cururueiros e mestres da dança do sisiri.(IPHAN, 2004)



um. É o santo de devoção do dono da casa, que comemora sua data todos os anos. Os cantadores estão avisados. Somente cantador de alguma **Sabedoria**⁵, que **brincadeira**⁶ para o santo precisa ter ciência, tem que saber fazer as saudações, não pode ser na base do **lari-lai-á.**” (RAMOS, DRUMMOND, 1978, p.12)

Estudar os festejos, tradições e folclore, não é somente descrever a sua importância e seu papel social, mas sim fazer um levantamento da produção cultural brasileira, destacando a ocorrência de processos comunicacionais e as modificações sofridas do seu início até a atualidade, e assim, analisar os impactos midiáticos das manifestações culturais das classes populares, afim de interpretar os mecanismos de difusão simbólica utilizados para expressar em mensagens em linguagem popular.

O estudo das manifestações populares aos olhos da comunicação percorre um contexto amplo de possibilidades. Ao adotarmos a folkcomunicação como teoria para analisá-las, mais que uma teoria, adotamos uma postura de trabalho que irá diferenciar-nos de muitos outros pesquisadores. Dentro do campo da comunicação, a folkcomunicação faz uma adoção de objetos de estudo pertencentes a grupos que estão nas bordas dos grandes processos comunicacionais; de acordo com Beltrão, os grupos marginalizados dos grandes espaços de comunicação, os meios de comunicação de massa. (SCHMIDT 2008, p. 01)

Desta maneira, a partir do momento em que essas manifestações são observadas além de simples representações folclóricas, símbolos desconexos e descontextualizados estas passam a fazer parte de um contexto comunicacional com relevância intelectual, abrem-se novas formas de se analisar o fenômeno.

O Festival Cururu Siriri

Cuiabá brinda desde 2002, anualmente, cururueiros e sua população, com o Festival Cururu e Siriri, um espetáculo com local específico para a realização de uma festa que até então era restrito a dias de santo, comemorações e batizados etc; colocando a tradição em centros de consumo e visibilidade, atraindo olhares da mídia e da massa. O fato de transitar entre o tradicional e o contemporâneo em temas religiosos e pagões revela as adaptações necessárias a fim de revitalizar uma tradição muito popular entre os ribeirinhos.

Um espaço criado na cidade especificamente para os três dias de festival substitui os quintais das casas. O palco agora tem formato e estrutura para assim ser chamado: luzes, sistema de som, cenários e uma grande arquibancada que comporta cerca de 30 mil espectadores, que durante as apresentações podem facilmente confundidos como torcidas organizadas.

Cerca de 25 grupos de todo estado de Mato Grosso se apresentam, esses tiveram que passar por seletivas regionais, para só assim poderem ter sua vaga garantida nos dias do Festival. A princípio os grupos competiam e os melhores recebiam premiações em dinheiro, fato que motivou os grupos a investirem e se prepararem ainda mais para as

⁵ Diz-se do curureiro que canta versos e toadas de inspiração bíblica (tem sabedoria – é de sabedoria). Alguns cantadores estudam livros sobre santos e invertem os temas para brincadeiras de Cururu.

⁶ O ato de fazer o cururu. Diz-se “ Eu já brinquei muito com fulano”, ou: “Fui numa brincadeira lá no Mimoso”.



apresentações. Desde 2007 o festival perdeu este caráter e atualmente, os grupos não concorrem mais, ainda que as seletivas funcionem como competições onde apenas os melhores se apresentam no festival.

Neste espetáculo observamos as mutações sofridas pela festa que passa a ser um momento de apresentação dos grupos sem o objetivo simples da festa do santo, batizado, nascimento, mas com o propósito de uma estandarização que engloba os meios de comunicação, interesses políticos e econômicos.

“ É bem verdade que as manifestações populares surgem das necessidades primeiras de trocas simbólicas e materiais para a sobrevivência em comunidade, ligadas a questões que vão da moradia à alimentação, da saúde à fé. A partir das condições ofertadas pela natureza e adequadas pelas necessidades dos envolvidos – a cultura é o resultado, onde cada grupo social se manifesta de modo a criar referências, estabelecer diálogos e conquistar espaços sociais que lhe proporcionem uma vida melhor.” (SCHMIDT 2008, p. 03)

Os membros da Federação de Grupos de Cururu e Siriri acreditam que com o advento do Festival Cururu e Siriri, os jovens, bem como toda a população que estavam perdendo o interesse pela cultura tradicional foram atraídos pelo festival o qual se tornou um meio de aproximação com suas raízes culturais, aí sua importância.

De acordo com Breguês (2009, p.108) a extinção do folclore se dá enquanto manifestação cultural espontânea. Vejamos o porquê nas palavras do autor:

Com o crescimento da sociedade industrial é inevitável a extinção progressiva do folclore enquanto manifestação cultural espontânea. Isto porque o avanço cada vez mais intenso das relações sociais e industriais engendra também o avanço da indústria cultural que, em geral, se apropria das expressões que vêm do povo imprimindo-lhes novos significados.

Assim, seguindo esse pressuposto, podemos entender a re-valorização das expressões folclóricas como um modo de especialização dos produtos e serviços, atingindo públicos específicos e segmentados através das expressões que identificam um povo para conquistá-los.

As manifestações folclóricas após passarem pelo choque com a indústria cultural, correr o risco da extinção, serem re-significados aos moldes da cultura de massa, passam agora por uma super-valorização por parte das classes hegemônicas. Estas utilizam de um discurso de tipo esquerdista, revestido de preocupações como a preservação dos saberes populares e justiça social, legitimando a incorporação das expressões folclóricas na aplicação de estratégias de comunicação – destaque aqui para o turismo – ampliando e consolidando mercados e promovendo interesses políticos e econômicos.



Logomarca do Festival Cururu Siriri

A divulgação do Festival Cururu e Siriri almeja projeção nacional, apresenta com orgulho a cultura mato-grossense com o intuito de consolidar esta manifestação como símbolo de Mato Grosso. Outdoors, cartazes, flyers, vts e spots apresentam ao grande público através destes apelos publicitários pelas mais variadas mídias, mais uma edição do maior espetáculo de Cururu e Siriri, transformando o festival em objeto de consumo. Os meios de comunicação de massa dão seqüência ao processo comunicacional transmitindo ao vivo, ou fazendo releases e flashes que focalizam as presenças ilustres, a sociedade e a população interagindo com a cultura.

Resultado de meses de trabalho de coreógrafos, figurinistas, músicos, produtores em sua maioria oriundos da própria comunidade. Toda mão de obra profissional necessária para a montagem desse aguardado espetáculo. Um centro de consumo que oferta aos visitantes a mercantilização da cultura.

“Deste modo, a festa – que era a quebra do cotidiano de trabalho – passa a ser o cotidiano de trabalho para uma diversidade de novos profissionais criados pela sociedade capitalista. Figurinistas, costureiros, aderecistas, floristas, decoradores, cenógrafos, músicos, técnicos de som e de iluminação, montadores de estruturas metálicas, motoristas de palcos móveis, cozinheiros, confeitores e garçons, manobristas, seguranças, colonistas sociais, filmadores e fotógrafos”.
(BENJAMIM, 2001 p.23)

Da roupa de missa ao Figurino

Ao assistir uma apresentação de Cururu Siriri, não há quem não se encante com a indumentária usada pelos cururueiros e pelos dançarinos do siriri. Cores vibrantes, estampas que permeiam o imaginário local, muito brilho, volume e movimento. Porém, nem sempre foi assim.

Antigamente não existia um traje especial para a dança, os trajes completamente informais eram os mesmo utilizados no dia a dia da população ribeirinha, as mulheres geralmente se vestiam com saias ou vestidos muitas vezes de chita (tecido com estampas floridas) e calça e camisa para os homens, desta maneira não havia uma padronização, cada um se vestia com a roupa que tinha, claro, que em ocasiões especiais cada qual apresentava seu melhor traje, pois, de certa forma estariam em evidência naquele momento.

É boca da noite, quase na hora de começar. Já chegaram o Alferes de Bandeira, que é sempre uma mulher, o Capitão do Mastro, a Rainha e o Juiz de Ramos: O grupo de festeiros. Não

há indumentária especiais: todos, incluindo os cantadores, trajam suas roupas comum, as novas, de festas. (RAMOS, DRUMMOND, 1978, p.12)

Com o advento do Festival Cururu Siriri, as roupas simples e sem padronização deram lugar ao figurino, e este investimento veio acompanhado da vontade de fazer mais e melhor, de agregar ainda mais valor a estética do espetáculo, assim, as roupas utilizadas para as apresentações, bem como a ideia de representação estão impressas em roupas de tecidos sedosos, com brilho e muita leveza.



Fonte: www.ocuiabano.com.br (14 de outubro de 2011)

As mulheres se vestem com saias rodadas em geral aproximadamente 10 metros de tecido, muito babado na saia e na blusa, estampas florais ou tecidos lisos, fitas de cetim em cores fortes e alegres e a utilização indispensável do brilho e dos arranjos de cabeça. Já a vestimenta masculina se constitui de camisas padronizadas, geralmente utilizando o mesmo tecido das roupas femininas e calças de uma mesma cor e em muitos grupos os homens ainda utilizam chapéus, tudo para propiciar uma boa evolução na dança.

Grande parte da preocupação com a aparência do grupo se dá como consequência de uma interação com a mídia, como por exemplo, a cobertura jornalística do Festival Cururu Siriri, sob este olhar exige mesmo que de modo indireto, cada vez mais, belas imagens.

“Uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante. [...] Imagens também dão credibilidade e força à notícia [...] Imagem é uma representação do real. Ao transmiti-la, a televisão transforma o telespectador em testemunha. [...]” (BISTANE & BACELLAR, 2005: 41-84).

A maior parte da verba do grupo é destinada ao figurino, cada grupo cria as peças coletivamente, uma única pessoa desenha a indumentária e apresenta a croqui aos demais, somente com o aval do grupo a roupa é confeccionada, geralmente cada grupo conta com a ajuda de uma costureira exclusiva que recebe crédito e prestígio de todos. Em ocasiões em que a verba é escassa os figurinos sofrem modificações para redução de custo e a apresentação é realizada com uma versão adaptada do croqui original. Para as mulheres é a roupa o motivo de grande expectativa das apresentações e cada uma completa sua caracterização com a utilização de acessórios como brincos, pulseiras, anéis e com maquiagem e penteados.



Essas mudanças aconteceram e acontecem de forma gradual, pode-se dizer que essas são proporcionais à interação com a mídia, com a política e com o poder econômico da cada grupo. Buscando legitimar cada inovação, os grupos se orgulham em se afirmar como primeiros, por meio da criação de algum diferencial inovador, de certa forma, há uma disputa pelo poder e visibilidade entre os grupos.

“ Na mídia impressa em geral, atualmente, a fotografia é a forma de representação visual mais utilizada. Para além dos recursos gráficos (layout, tipografia, cores etc.), a fotografia salta aos nossos olhos como mensagem, como texto visualmente relevante e carregado de sentido. A fotografia não está ali por acaso. Ela tem uma função, aparece em um formato, possui uma intenção. A própria maneira como está impressa resulta de uma série de negociações – às vezes tensas e conflituosas – que envolvem um complexo processo de produção editorial. [...] A fotografia não aparece no jornalismo impresso apenas para ilustrar. Por isso, o papel que ela desempenha nesse suporte é de tamanha importância. Estampada no jornal, a fotografia torna-se uma munição para o jornalista, que busca dar sempre veracidade àquilo sobre o que escreve.” (TAVARES e VAZ, 2005: 125-131).

Mesmo com toda a sede pelo novo, percebemos que há uma preocupação da descaracterização do tradicional. A tradição se renova, porém, sua essência deve continuar a mesma, sem que ocorram transformações drásticas, neste contexto o novo é ao mesmo tempo uma solução para atender as necessidades do contemporâneo, entretanto, deve ser dosado. Um exemplo disso é dançar o Siriri com o pé descalço, ato considerado como tradicional e essencial, mas, já existem grupos que não fazem mais isso. Nas comunidades, as mulheres que brincavam o Siriri sempre dançavam de pés no chão, acredita-se que este costume seja uma herança dos seus antepassados indígenas. O fato é que ainda há discussões em torno deste hábito, muitos integrantes dos grupos comentam que este é um elemento característico da dança, e por esse motivo não se pode modificá-lo. A norma seguida é a ditada pelo regulamento do Festival e é importante ressaltar que não existe no regulamento nenhum artigo sobre dançar calçado ou não, esses limites são subjetivos. Assim, vê-se que a tradição está vinculada com um evento institucional, e que não são somente os grupos que possuem autonomia para as mudanças.

As características exclusivas da própria comunidade foram se adaptando de acordo com modificações instituídas. A Federação de Grupos de Cururu e Siriri exerce papel fundamental, pois orienta os grupos a se inovarem e destaca os benefícios dessas inovações.

O Brincante Artista

Os ribeirinhos que viviam a margem do rio São Gonçalo, eram em sua maioria os principais brincantes do Cururu e Siriri, com a espetacularização dessa manifestação, fez com que esta tradição ganhasse ainda mais adeptos. Não existe mais uma fronteira geográfica, o Cururu e Siriri se espalharam por todo o estado de Mato Grosso e este movimento, antes exclusivamente periférico, invadiu o centro e outros bairros da cidade. Não mais necessariamente são herdeiros, filhos ou netos de Cururueiros que



brincam, atualmente, pessoas que sequer conheciam no passado esta cultura integram grupos e participam das apresentações no festival.

Os brincantes vestem-se de uma personagem e trajados com um belo figurino, e tendo como arena um grande palco e como auditório um enorme público assumem o papel de artistas.

Como todo e qualquer artista, buscam agradar e surpreender seu público, os grupos procuram a cada ano trazer diversas inovações, é o que acontece com as coreografias. Há duas maneiras tradicionais de se dançar : em fileiras ou em roda. Para se dançar da primeira maneira, são formados filas onde os pares ficam um frente ao outro, já a dança de roda é mais simples, não havendo a necessidade de pares. As fileiras, rodas e os movimentos simples dão lugar a passos mais elaborados, uma mistura de referências que vão do tradicional ao contemporâneo. O requisito básico para ser integrante de um grupo, sem dúvidas é à força de vontade e a disponibilidade de tempo para os ensaios. Tássila, integrante do grupo de Cururu e Siriri São Gonçalo, comenta a importância dos ensaios

A gente ensaia duas vezes por semana, os ensaios acontecem no pátio do centro cultural daqui do bairro São Gonçalo mesmo. As vezes ensaiamos com as roupas da apresentação, mas, na maioria das vezes ensaiamos com qualquer roupa. [...] Ensaíamos com som somente nos ensaios mais próximos das apresentações, pra gente ouvir melhor as vozes, daí fica mais fácil pra responder e também pra ver quem tem a voz mais alta e a mais baixa. Quando um tocador ou cantador não vêm o nosso coordenador do grupo canta e dança, daí a gente ajuda ele.

As inovações foram diversas, o modo de dançar ganhou vários elementos, como por exemplo, a abertura que nada mais é que uma espécie de encenação teatral que anuncia o tema da apresentação, e assim, cada grupo constrói suas peculiaridades e sua marca. O aprimoramento musical também foi de suma importância, afim de agregar as apresentações uma boa sonoridade. Os instrumentos utilizados são praticamente os mesmos desde o princípio: viola de cocho, o mocho⁷, ganzá⁸, porém, a tecnologia contribuiu para que amenizasse o esforço dos cantadores e tocadores, pois atualmente são utilizados microfones e caixas de som.

Considerações

Com o decorrer a pesquisa foi se revelando extremamente significativa em toda a força e pureza de expressão de uma arte popular autêntica. A expansão capitalista, nas últimas quatro décadas propôs a inclusão de novas formas para que incorporem e renovem a cultura. A indústria cultural recheada de opções é apenas mais um atrativo da pós – modernidade, assim a cultura assume um papel de produto comercial e a espetacularização é apontada como solução para que se mantenha a tradição.

Os entrecruzamentos propostos são os mais diversos, aqui destacado o conceito “rurbano” quando podemos perceber nos vários modos culturais a transferência simbólica da cultural rural com a cultura urbana. Os meios de comunicação assumem papel de destaque neste processo, pois são através deles que as manifestações

⁷ Mocho, banco cujo assento de couro é percutido com baquetas de madeiras.

⁸ Ganzá ou Caracachá, na designação antiga. Espécie de reco-reco feito de bambu.



ultrapassam barreiras e limites e penetram as diversas classes e os reflexos dessas interações são a mutação contínua da cultura e a espetacularização, o que potencializa a troca com os grupos e as gerações. Desta maneira, a tradição e o folclore adquirem valores comerciais que são reconhecidos através de seu consumo. E ao atraírem olhares da mídia, também atraem turistas, pesquisadores e consumidores.

O Festival Cururu e Siriri é uma manifestação extremamente importante para o povo cuiabano, pois exalta a religiosidade e os costumes tradicionais da cultura de Mato Grosso, além de gerar empregos, dar visibilidade aos grupos folclóricos e motivar os jovens a manter essa tradição. A resignificação do Cururu e Siriri passa, primeiramente por mudanças nas próprias formas de produção, além de observarmos que com esse processo ocorrem novos fluxos de pessoas e de cultura.

A institucionalização e a interferência do poder público podem contribuir para essas mudanças, mas essas ações são completamente dependentes dos próprios setores populares, por mais que se enfatize a inovação e a geração de novos atrativos para as manifestações só se é mantida a tradição quando se prima pelos elementos das raízes culturais.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é Cultura Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos, 36).

BABHA, Homi K. **O local da cultura**. 4 reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BENJAMIM, Roberto. **As festas populares como processos comunicacionais**. Anuário Unesco/Unesp de comunicação Regional, Ano V nº5, 17-24, jan-dez 2001.

BISTANE e BACELLAR. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed; 3 reimpr. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da Arte**. 9. ed.- Rio de Janeiro: LTC, 2007.

GRANDO, Beleni Salete. **Cultura e Dança em Mato Grosso: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Curur, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na Região de Cáceres**. 1 reimpr. Cuiabá-MT: Central do Texto; Cáceres: Unemat Editora, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro, DP & A: 2005.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. [HTTP://WWW.portal.iphan.gov.br](http://www.portal.iphan.gov.br). Acesso em 13 de outubro de 2011.

LOUREIRO, Roberto. **Cultura mato-grossense: Festas de santos e outras tradições**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

MACP: [animação cultura e inventário do acervo do Museu de Arte e Cultura Popular da UFMT] /Aline Figueiredo, Humberto Espíndola, organizadores. – Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010.

MARTINS Jr., Moisés Mendes. **Revendendo e Reciclando a Cultura Cuiabana**. 2 ed. Cuiabá-MT: Janina, 2006.



PÓVOAS, Lenine C. **História da Cultura Mato-Grossense**. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; Academia Mato-Grossense e Sul-Mato-Grossense de Letras, Cuiabá-MT, 1994.

ROMANCINI, Sônia Regina. **Entre o barro e o siriri**: um estudo sobre o papel da mulher na cultura popular de São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá-MT. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 – gênero e preconceitos, 2006, Florianópolis. Seminário internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 2006.

SANTOS, José Luiz dos.. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Coleção Primeiros Passos, 110).

SCHIMIDT, Cristina. Org. **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

_____. **Folkcomunicação**: estado de conhecimento sobre a disciplina. Bibliocom, editada pela Sociedade brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. Edição bimestral, 2008.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

TAVARES e BRANCO. **Festival Cururu Siriri de Cuiabá – A tradição como espetáculo**. UFMT, 2010

TAVARES e VAZ. **Fotografia Jornalística e Mídia Impresa: formas de apreensão**. Revista Famecos. Porto Alegre, nº 27, quadrimensal, agosto/2005, p.125 – 138.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das Culturas Populares ou produtos folkmediáticos**. Comunicado apresentado no Seminário Nacional de políticas Públicas para Culturas Populares, em fevereiro 2005, Brasília/DF, MinC.